

# GRAMATICALIZAÇÃO: UM ESTUDO DE CONCLUSIVOS ANAFÓRICOS<sup>1</sup>

Cristina Lopomo Defendi \*

Flavio Biasutti Valadares \*\*

**Resumo:** O artigo analisa um caso de gramaticalização do Português do Brasil, sob a perspectiva sintático-pragmática, e objetiva mostrar que alguns casos de anafóricos vêm se constituindo como base para a explicação de diversos fatos linguísticos. Fundamenta-se nos conceitos de gramaticalização indicados por Meillet (1912), Kuryłowicz (1975[1965]), Hopper (1991) e Lehmann (2002). Adota, como procedimento metodológico, alguns parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, propostos por Lehmann (1995 [1982]), a fim de avaliar processos de gramaticalização de conclusivos no Português do Brasil, a partir de um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento, Direito e Medicina, com metade representada por pós-graduandos do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino. Conclui que há uma gramaticalização latente das construções analisadas.

**Palavras-chave:** Mudança Linguística. Gramaticalização. Português do Brasil.

**Abstract:** The article analyzes a case of grammaticalization Brazilian Portuguese, underneath the syntactic-pragmatic perspective and it objectives to show that some cases of anaphoric have been being constituted the basis for the explanation of various linguistic facts. It is based in the grammaticalization concepts indicated by researchers of the area Meillet (1912), Kuryłowicz (1975 [1965]), Hopper (1991) e Lehmann (2002). This article also adopts as methodological procedure, some measuring parameters of the autonomy degree of an item, proposed by Lehmann (1995 [1982]), in order to evaluate the grammaticalization processes of conclusive items in Brazilian Portuguese, from a corpus of academic texts (dissertations and theses) in two areas of knowledge, Law and Medicine, half represented by post undergraduate female students and half male ones. It is concluded that there is a latent grammaticalization on the analyzed constructions.

**Keywords:** Linguistic Change. Grammaticalization. Brazilian Portuguese.

---

<sup>1</sup> O artigo compõe os trabalhos do Grupo de Pesquisa/CNPq (certificado pelo IFSP) – Descrição do Português do Brasil.

\* Departamento de Humanidades, Códigos e Linguagens, *Campus* São Paulo, IFSP, São Paulo/SP-Brasil. E-mail: crislopomo@ifsp.edu.

\*\* Departamento de Humanidades, Códigos e Linguagens, *Campus* São Paulo, IFSP, São Paulo/SP-Brasil. E-mail: flaviovaladares2@gmail.com.

## Introdução

Neste artigo, objetivamos analisar como vem ocorrendo a gramaticalização no Português do Brasil, sob a perspectiva sintático-semântica, com anafóricos conclusivos – *dessa/desta maneira, dessa/desta forma e desse/deste modo* –, a fim de constatar, a partir de um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento, Direito e Medicina, como tal processo vem ocorrendo.

Posto isso, a fim de uma breve contextualização, ressaltamos que o conceito de gramaticalização, a partir dos anos 70 (século XX), de acordo com Campbell e Janda (2001), é retomado considerando a conceituação de Meillet, que propôs se tratar da transformação de uma palavra autônoma em um elemento gramatical, ou seja, da “atribuição de um caráter gramatical a um termo anteriormente autônomo” (MEILLET, 1912, p. 131). Na perspectiva de Kuryłowicz (1975[1965], p. 52), “configura-se como gramaticalização a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical”.

Citamos, aqui, Gonçalves *et al* (2007, p. 27), que colocam sobre os estudos de gramaticalização três aspectos, considerada uma escala evolutiva: “a) [a concepção] de Meillet, que concebe a gramaticalização como a passagem do [lexical] > [gramatical]; b) [a perspectiva] oferecida por Kurilowicz, que adiciona ao cline de Meillet a passagem do [-gramatical] > [+gramatical]; c) as versões dos estudos atuais: [qualquer material linguístico] > [+gramatical]”<sup>3</sup>.

Nesse sentido, para aferir os efeitos da gramaticalização, com base nos eixos paradigmático e sintagmático, Lehmann (2002, p. 4) propõe seis parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, com base nos quais analisamos conclusivos em processo de gramaticalização no Português do Brasil.

O critério de autonomia diz respeito à gramaticalização, uma vez que quanto mais autônomo um item, menos gramaticalizado é, e quanto mais dependente, mais gramaticalizado. A proposta do autor é destinada a avaliar o grau de gramaticalização de itens ou construções em processo já avançado de mudança gramatical, aplicando os seguintes critérios:

---

<sup>3</sup> Salientamos os estudos de HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2007; de TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and construction grammar. In.: CASTILHO, Ataliba T. *História do português paulista*. Campinas: IEL/ Unicamp, 2009, p. 93-101; e de TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and mechanisms of change. In.: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford Handbook of Grammatization*. New York: Oxford University Press, 2011, que têm tratado dos processos de gramaticalização nos últimos anos.

Para ser autônomo, um signo deve, em primeiro lugar, ser dotado de um certo peso, de uma propriedade que o torne distinto dos demais membros de sua classe e que conceda proeminência no sintagma. Em segundo lugar, a autonomia decresce à medida que um signo estabelece, sistematicamente, determinadas relações com outros signos. O fator inerente a tais relações de diminuição da autonomia é a coesão. Em terceiro lugar, quanto mais autônomo é um signo, maior é a sua variabilidade; isso resulta na mobilidade momentânea ou na capacidade de transferência com respeito a outros signos. Essas noções relativamente abstratas podem se tornar mais concretas quando relacionadas aos dois aspectos fundamentais em qualquer operação de signos linguísticos, ou seja, sua seleção e combinação (cf. JAKOBSON, 1956, p. 243), que denomino, respectivamente, aspectos paradigmáticos e sintagmáticos. O peso de um signo visto paradigmaticamente é a sua integridade, a sua dimensão substancial, tanto no aspecto semântico quanto no fonológico. Visto sintagmaticamente, seu escopo seria a extensão da construção na qual adentra ou ajuda a formar. A coesão de um signo num paradigma é chamada paradigmaticidade, isto é, o grau em que adentra um paradigma, tornando-se a ele integrado e dependente. A coesão de um signo com outros signos em um sintagma é chamada ligação; que seria o grau de sua dependência ou ligação a outros signos. A variabilidade paradigmática de um signo é a possibilidade de utilizar outros signos em vez de omiti-lo completamente. A variabilidade sintagmática de um signo é a possibilidade de transferi-lo em torno de sua construção. (LEHMANN, 2002, p. 4<sup>4</sup>) [Tradução nossa]

Apresentamos, também, os cinco princípios para a caracterização de um processo inicial de gramaticalização, propostos por Hopper (1991), a fim de já localizarmos por quais princípios prévios nos guiamos em nossa pesquisa para a eleição de alguns dos parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item, propostos por Lehmann (2002)<sup>5</sup>:

---

<sup>4</sup> *First, in order to be autonomous, a sign must have a certain weight, a property which renders it distinct from the members of its class and endows it with prominence in the syntagm. Second, autonomy decreases to the extent that a sign systematically contracts certain relations with other signs; the factor inherent in such relations which detracts from autonomy will be called cohesion. Third, a sign is the more autonomous the more variability it enjoys; this means a momentary mobility or shiftability with respect to other signs. These rather abstract notions can be made more concrete by relating them to the two fundamental aspects of any operation on linguistic signs, viz. their selection and their combination (cf. Jakobson 1956:243), which I will call the paradigmatic and syntagmatic aspects, respectively. The weight of a sign, viewed paradigmatically, is its integrity, its substantial size, both on the semantic and the phonological sides. Viewed syntagmatically, it is its scope, that is, the extent of the construction which it enters or helps to form. The cohesion of a sign in a paradigm will be called its paradigmaticity, that is, the degree to which it enters a paradigm, is integrated into it and dependent on it. The cohesion of a sign with other signs in a syntagm will be called its bondedness; this is the degree to which it depends on, or attaches to, such other signs. The paradigmatic variability of a sign is the possibility of using other signs in its stead or of omitting it altogether. The syntagmatic variability of a sign is the possibility of shifting it around in its construction.* (LEHMANN, 2002, p. 4)

<sup>5</sup> Neste artigo, referenciamos a obra de 2002, mas salientamos que os parâmetros já estavam descritos em obras anteriores, desde 1982, e foram sendo reelaborados e reapresentados em 1995, 2002 e 2015.

Estratificação: No âmbito de um amplo domínio funcional, novas camadas emergem constantemente. Na medida em que isso ocorre, as camadas mais antigas não são necessariamente descartadas, mas podem permanecer coexistindo e interagindo com as camadas mais recentes;

Divergência: Quando uma forma lexical se transforma em um clítico ou um afixo, a forma lexical original pode permanecer como elemento autônomo e sofrer as mesmas mudanças que itens lexicais comuns;

Especialização: No interior de um domínio funcional, uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser viável; enquanto ocorre a grammatização essa variedade de escolhas formais se estreita e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais;

Persistência: Quando uma forma sofre grammatização, de léxico à função gramatical, alguns traços de seu significado lexical original tendem a se aderir a ela, contanto que seja gramaticalmente viável, e os detalhes de sua história lexical podem estar refletidos em restrições na sua distribuição gramatical;

Descategorização: Formas que sofrem grammatização tendem a perder ou neutralizar os marcadores morfológicos e os privilégios sintáticos característicos de categorias secundárias, tais como adjetivos, preposições, participio etc. (HOPPER, 1991, p. 22-23)<sup>6</sup> [Tradução nossa]

A partir desta localização, reiteramos a adoção de Lehmann, considerando que o postulado de Hopper está posto como estágio inicial, mas que é importante para entendermos o processo. Nesse sentido, com Lehmann, que tem sua perspectiva apontada para estágios mais avançados em processos de grammatização, analisamos, especificamente, os operadores conclusivos.

Nesse ponto, como explicita Votre (1997, p. 15), é válido salientarmos que “os usuários vêm sendo concebidos como criadores, continuadores, atores, transformadores das estruturas, dos itens e dos processos que se verificam nas línguas, e, enfim, como responsáveis pelo estado da língua, em cada momento que se lhe aborde a estrutura e o funcionamento”. Defendemos, então, que grupos profissionais diversos tendem a usar a língua escrita de modo também diverso. A

---

<sup>6</sup> *Layering: Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers;*  
*Divergence: When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items;*  
*Specialization: Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible; as grammaticalization takes place, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings;*  
*Persistence: When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it is grammatically viable some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution;*  
*De-categorialization: Forms undergoing grammaticalization tend to lose or neutralize the morphological markers and syntactic privileges characteristic of the characteristic of secondary categories such as Adjective, Participle, Preposition, etc. (HOPPER, 1991, p. 22-23)*

escrita acadêmica tende a estar mais vinculada à escrita normativa, por isso vislumbramos a tendência de encontrar menos ocorrências das construções selecionadas – *dessa maneira/dessa forma/desse modo* – do que conclusivas ditas canônicas como *portanto*. Assim, ao final de nossa análise, pretendemos que o leitor compreenda alguns processos de gramaticalização pelos quais o Português do Brasil passou/vem passando e como essas transformações são motivadas pelo uso de determinada modalidade linguística e gênero discursivo.

Além disso, sob o escopo dos estudos sobre gramaticalização, com base em Lehmann, apresentamos, na próxima seção, os conceitos com os quais analisamos nosso *corpus*. Para tanto, como procedimento metodológico, organizamos um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações e teses) de duas áreas do conhecimento – Direito e Medicina –, sendo metade representada por pós-graduandos do sexo feminino e a outra metade do sexo masculino. O *corpus* foi composto por 10 textos de cada área, todos disponíveis no banco de teses<sup>7</sup> da USP (Universidade de São Paulo). Essa escolha foi motivada: pelo nível linguístico empregado, já que é comum a todos os textos desse gênero o uso da norma culta escrita, e pelo fato de tais textos poderem revelar um padrão associado ao grupo profissional, configurando categorias de análise.

### **Gramaticalização: um pouco de conceito**

Em se considerando o aporte da Mudança Linguística, conjugamos nossa pesquisa com o que Casseb-Galvão e Lima-Hernandes (2007, p. 158) assinalam sobre o termo gramaticalização: “por si só denuncia que se trata de um processo dinâmico associado à gramática [...] Comumente, ele é atrelado a rótulos como inovação, mudança, movimento, derivação, direção e rotinização”. Com isso, entendemos que, ao longo do tempo, uma construção gramatical resultante pode continuar a receber novas funções gramaticais em certos contextos linguísticos, uma vez que os falantes podem usar partes de uma construção, ou mesmo integralmente, com uma função gramatical, como o caso da formação da construção negativa em francês, já explorada por diversos autores.

Historicamente, como exemplifica Defendi (2013, p. 55), “a partícula original de negação no francês era o *ne* e nomes como *pas* (“passo”) serviam como ênfase da negação. Esses nomes, empregados para enfatizar a negação, variavam de acordo com o valor do verbo”. Com o passar

---

<sup>7</sup> Dissertações e teses disponíveis em <http://www.teses.usp.br/>

do tempo, o uso se foi especializando até chegar à única possibilidade de uso do *pas*, não mais enfático, mas simplesmente como marca de negação, de uso geral e obrigatório. Ainda assim, coexiste também o sentido de “passo” para *pas*. No francês moderno, *pas* suplantou as outras variantes e tornou-se a única partícula não-enfática de negação, podendo, inclusive, ser usada sozinha, sem o *ne*, na modalidade de língua falada e alguns casos de língua escrita<sup>8</sup>.

Ainda que não utilizemos, em nossa análise, julgamos necessário apresentar a visão de Heine *et al* (1991) que salientam: quanto mais uma unidade linguística sofre os processos de gramaticalização,

- a) mais perde complexidade semântica, significação funcional e/ou valor expressivo;
- b) mais perde significação pragmática e mais ganha significação sintática;
- c) mais reduzido é o número de membros pertencentes ao mesmo paradigma morfossintático;
- d) mais há decréscimo na variabilidade sintática, ou seja, mais a posição na oração torna-se fixa;
- e) mais seu uso se torna obrigatório em certos contextos e não-gramatical em outros;
- f) mais aglutina-se semântica, morfossintática e foneticamente com outras unidades;
- g) mais há perda de substância fonética. (HEINE *et al*, 1991, p. 15-16)

Especificamente em relação ao Português do Brasil, citamos Martelotta, Votre e Cezario (1997) que explicitam alguns tipos de fenômenos de mudança linguística ligados aos processos de gramaticalização, dos quais selecionamos, para nossa análise, o de que a

[...] trajetória de elemento linguístico de mais referencial a menos referencial, caracterizada pela perda de significação de referente extralinguísticos e aquisição de significados baseados em dados pragmáticos, relativos a estratégias comunicativas dos participantes, e em dados textuais, relativos à organização interna dos argumentos no texto, como ocorre com o operador argumentativo **logo**, que inicialmente apresentava valor de advérbio espacial (do latim **locu-**), passando, posteriormente, a assumir função argumentativa

---

<sup>8</sup> O exemplo ilustra os princípios: (i) de estratificação, uma vez que uma função correlaciona-se a vários itens, (ii) de divergência (*pas* com várias camadas de significado, todas coexistindo sincronicamente), (iii) de especialização, já que de todas as possibilidades de ênfase negativa o *pas* especializou-se como a aceita, (iv) de persistência, o mais apagado de todos, mas é ainda possível pensar na ideia original de “não dou um passo” para demonstrar a estratégia de ênfase usada em princípio com verbos de movimento e (v) de decategorização, já que de nome *pas* passa para clítico de negação.

como conjunção conclusiva. [...] (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1997, p. 25)

Além disso, vale destacarmos que a gramaticalização envolve vários níveis, como apontam os autores:

a) Nível cognitivo – A gramaticalização (pelo menos no que se refere ao nível morfológico) segue, como parece ocorrer com os processos de mudança metafórica em geral, a tendência de usar elementos do mundo concreto para o mundo abstrato. O elemento do léxico é mais concreto que o da gramática: é mais fácil conceptualizar substantivos do que relações textuais.

b) Nível pragmático – A gramaticalização envolve uma intenção genérica do falante de usar algo conhecido pelo ouvinte para fazê-lo compreender melhor o sentido novo que ele quer expressar. Pode-se também ver nessa passagem concreto > abstrato uma intenção comunicativa de facilitar a compreensão do ouvinte a partir da utilização de conceitos mais concretos e mais conhecidos para a expressão de ideias novas que surgem no decorrer do processo comunicativo.

c) Nível semântico – A gramaticalização, como processo de mudança ocorrida no léxico, envolve o conhecimento por parte dos interlocutores dos significados de origem das palavras envolvidas; caso contrário, o sentido novo corre o risco de não ser detectado pelo ouvinte.

d) Nível sintático – A gramaticalização ocorre basicamente em contextos que a estimulem, o que significa que, não só existem aspectos sintáticos que propiciam a gramaticalização, mas, principalmente, que esses aspectos são responsáveis pelo fato de a mudança tomar efetivamente este e não aquele caminho. (MARTELOTTA, VOTRE E CEZARIO, 1997, p. 28-29)

### **Gramaticalização de conclusivos: uma análise em textos acadêmicos**

No *corpus* organizado com 20 textos acadêmicos (dissertações de mestrado e teses de doutorado), de duas áreas distintas do conhecimento, Direito Penal e Medicina Preventiva, fizemos um levantamento do número de ocorrências das seguintes construções: *dessa/desta maneira*, *dessa/desta forma* e *desse/deste modo*, com base nos critérios sintático e semântico. Consideramos a alternância *desse/deste*, *dessa/desta* como sendo equivalente no sentido de retomada/conclusão e sua escolha está mais motivada por estilo pessoal<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Estamos cientes do uso prescritivo de *este/deste* como catafórico e de *esse/desse* como anafórico. A frequência de uso em situações reais, no entanto, revela que a distinção nem sempre é seguida pelos escreventes, por isso optamos por fazer o levantamento de ambos os usos. O *Novo Manual de Redação da Folha de São Paulo* assim orienta: “Em relação ao próprio texto:

Todas as construções escolhidas têm a mesma estrutura: *de* (preposição) + *esse/este(a)* (pronome demonstrativo) + *modo/maneira/forma* (substantivo). Quanto ao pronome demonstrativo, destacamos uma das acepções de Houaiss e Villar (2007, p. 1.242): é relativo a algo que foi temporalmente mencionado num passado não muito distante do momento da fala, ou, no caso dos textos analisados, do momento da escrita. Quanto aos substantivos, são todos sinônimos e são intercambiáveis: *modo*, *maneira* e *forma* substituem um ao outro dependendo da acepção do dicionário Houaiss e Villar (2007, p. 1372; 1833; 1942).

Descartamos, desse levantamento, as ocorrências em que essas construções não se comportaram como operadores argumentativos. Como exemplo de descarte, temos (1):

(1) Optei por apresentar as categorias nessa ordem, pois acredito que **dessa forma** a experiência da enfermidade é inserida, também neste texto, no contexto mais amplo, que não se restringe aos aspectos biomédicos do adoecer. (M7F<sup>10</sup>)

Contudo, é relevante considerarmos que justamente esse tipo de uso revela o percurso de gramaticalização dessas construções. Observemos:

(2) Maturana entende a preocupação ética “como preocupação com as consequências que nossas ações têm sobre o outro, é um fenômeno que tem a ver com a nossa aceitação do outro” (2009:72). **Dessa forma**, é preciso incluir o outro no nosso domínio social para que ele seja alvo de nossa preocupação ética, o que está de acordo com o conceito de banalização da injustiça social de Dejours (2007) e do qual nos apropriamos para refletir sobre outro aspecto premente no relato dos entrevistados: a banalização que invisibiliza a violência institucional. (M10F)

Enquanto que, em (1), temos o *dessa forma* desempenhando uma função de referenciador anafórico, recuperando a informação dada “apresentar as categorias nessa ordem”; em (2), temos essa construção ao mesmo tempo sendo um referenciador anafórico (recupera “ética é

---

*Este, esta, isto* referem-se a algo que acaba de ser mencionado ou será em seguida: O novo prefeito convidou a prima e o cunhado para participar do governo. Este recusou; Disse-lhe isto: ‘Você não presta’.

*Esse, essa, isso* retomam passagem anterior do texto, como na expressão além disso.” (Grifo nosso)

<sup>10</sup> A forma de referenciar os exemplos é composta por uma primeira letra (D = Direito e M = Medicina), por um número (ordem do texto na coleta) e outra letra (M = Masculino e F = feminino). Cabe lembrar que descartamos a ocorrência dessas construções em citações de outras obras, ou seja, não elaboradas pelos autores dos textos acadêmicos.

preocupação com o outro”) e também um operador argumentativo de conclusão: “já que a ética é preocupar-se com o outro, é preciso incluir o outro no domínio social”.

De um uso mais concreto, remetendo a um termo já expresso, tem-se depois um uso mais abstrato, pois a ideia anterior serve de escopo para chegar-se a uma conclusão. Aliado a isso, temos:

(3) A pós-modernidade também é chamada de modernidade líquida por Baumann pois para o homem de hoje tudo flui com intensa rapidez, até mesmo os laços de afeto. O homem pós-moderno não confia, nem mesmo conhece o seu semelhante, vive com intensa sensação de insegurança e já não sabe o que esperar do mundo. Vive-se em uma sociedade de insegurança, o que afeta por via indireta as expectativas que são direcionadas ao Direito Penal, ocasionando a reconstrução deste ramo do Direito.

**Dessa forma**, é possível observar pontos de convergência entre o funcionalismo e a corrente de pensamento dos filósofos pós-modernos: o Direito Penal garante o funcionamento da sociedade, seja qualquer tipo de sociedade ou aquela alinhada a valores democráticos, a depender da corrente funcionalista analisada. (D2F)

Em (3), a construção *dessa forma* encabeça o parágrafo, não mais se referindo a termos anteriores, mas a toda ideia expressa pelo parágrafo ou texto anterior. É uma forma de retomada, sim, mas não de um termo e sim de toda uma ideia que encaminha para uma conclusão. A independência do termo anterior é tão marcante que a construção passa a ser usada em primeira posição na sentença. Ou seja, esse é um uso ainda mais abstrato, perfazendo um *continuum* de abstratização, conforme preconizado por Heine *et al.* (1991) como uma forma de gramaticalização<sup>11</sup>.

Levando em consideração esses diferentes padrões funcionais da construção, ativemo-nos aos usos como operador conclusivo, em posição inicial (de parágrafo) ou medial (como em 3), a fim de mostrar a frequência de uso. Com isso, obtivemos os seguintes números absolutos:

Tabela 1: Frequência de uso das construções *dessa forma*, *desse modo*, *dessa maneira*

	<b>Medicina</b>	<b>Direito</b>	<b>Total</b>
Dessa/Desta forma	40 ocorrências	69 ocorrências	109
Desse/Deste modo	45 ocorrências	57 ocorrências	102
Dessa/Desta maneira	12 ocorrências	14 ocorrências	26

<sup>11</sup> Para o *continuum* de abstratização, consideramos os exemplos 1, 2 e 3, embora em contagem de dados tenhamos descartado usos semelhantes ao exemplo 1.

Os dados revelam que as construções *desse/deste modo* e *desse/deste maneira* são praticamente equivalentes em frequência de uso e, *desse/deste maneira* é muito menos usada.

Em números relativos para cada texto analisado, porém, é importante informarmos que alguns deles foram responsáveis por um número elevado de ocorrências, a saber: M7F (16 usos de *desse/deste maneira*, ou seja, 40%); M9F (19 usos de *desse/deste maneira* – 47,5% e 25 usos de *desse/deste modo* – 92,6%) e D20M (36 usos de *desse/deste maneira* – 63%). M10F (12 ocorrências de *desse/deste maneira* – 66,7%), D12F (29 ocorrências de *desse/deste maneira* – 61,7%) e D17M (13 ocorrências de *desse/deste maneira* – 27,6%) com 13 ocorrências.

A construção *desse/deste modo* somente ocorreu em 5 textos e teve sua frequência de uso elevada pela opção da autora do texto M9F. *Desse/deste maneira* esteve presente em 13 dos textos analisados. Já *desse/deste maneira* ocorreu somente em 6 textos. Isso pode corroborar com a hipótese de escolha por estilo pessoal, mas seria preciso realizar uma pesquisa com *corpus* mais extenso ou com questionários de consciência de escolha linguística para comprovar tal hipótese ou para se chegar a outras explicações.

Nessa perspectiva, o texto acadêmico funcionaria como difusor e propagador em estágio de transição com fortes indicativos de implementação, assegurado o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, o que pode garantir um processo de gramaticalização aventado por nós em nosso objetivo nesta pesquisa.

De outra maneira, vale ressaltarmos que, dos 20 textos acadêmicos analisados, 4 da área Medicina e 1 da área de Direito não fizeram nenhum uso das construções *desse/deste maneira*, *desse/deste modo*, *desse/deste maneira*, preferindo, como operador conclusivo, o uso de *portanto*<sup>12</sup>. Há, aí, a possibilidade de indiciar a co-ocorrência já salientada nos parágrafos anteriores, demonstrando que as análises podem levar ao entendimento de que o conjunto *desse/deste maneira*, *desse/deste modo*, *desse/deste maneira* possivelmente permanecerá como variante, ou seja, o conjunto poderá vir a ser implementado, mas também, há uma grande possibilidade da escolha do conjunto em detrimento da variante *portanto*, mesmo que não venha a existir seu apagamento.

A título de comparação, destacamos na tabela 2 o uso do *portanto* no *corpus* selecionado, tanto em posição inicial quanto em posição intermediária, excluindo-se os casos de ocorrências em citações:

---

<sup>12</sup> Nesse universo de 5 textos acadêmicos, houve a ocorrência de 35 usos de *portanto*.

Tabela 2: Frequência de uso da construção *portanto*

	<b>Medicina</b>	<b>Direito</b>
Portanto	183 ocorrências	300 ocorrências

*Portanto* pode ser considerado um operador prototípico de conclusão, tanto presente nas gramáticas quanto referendado pela frequência de uso, como visto na tabela 2 e em pesquisa realizada por Defendi (2013) com redações de vestibular. Quanto ao seu percurso diacrônico, temos: “Etimologicamente, *portanto* é formado por *por* (preposição) e *tanto* (advérbio ou adjetivo – noção de quantidade). Metaforicamente, as ideias ‘por tanta quantidade’, ‘por tanto que foi dito’, ligadas à retroação textual, passam a expressar também noções consequencial e conclusiva.” (DEFENDI, 2013, p. 210). Ou seja, o mesmo percurso já verificado com as outras construções de retomada textual e, de maneira análoga, de conclusão.

Ainda em relação ao uso do *portanto* nos textos acadêmicos selecionados, cumpre informarmos que as maiores frequências de uso (20 ou mais ocorrências em um texto) aconteceram com autoras mulheres (em 8 casos), e somente 2 autores homens usaram mais de 20 vezes a construção *portanto*. Aqui, cabe-nos informar que, dos 5 autores que não fizeram nenhum uso de *dessa maneira*, *desse modo* e *dessa forma*, 4 são homens e 1 é mulher, porém não faz parte do escopo desta pesquisa considerações a respeito desses usos diversos, ficando para outro momento realizar uma pesquisa mais aprofundada na interface sociolinguística e variação de usos.

Ainda assim, cabe salientar o que sustentam Chambers e Trudgill (1980, p. 97-98): quando se abandona o uso de uma forma padrão, tem-se o homem como à frente deste processo e as mulheres liderando mudanças em relação às formas de prestígio. Na visão de Labov (1982, p. 78), “na maioria das mudanças linguísticas, as mulheres estão à frente dos homens na proporção de uma geração”<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Chambers (1995, p. 102-103) cita outras pesquisas com variável sexo, como: Wolfram (1976, p. 76): “as mulheres mostram uma sensibilidade para a avaliação social dos traços linguísticos maior do que a dos homens”; Labov (1972, p. 243): “Na fala cuidada, as mulheres usam menos formas estigmatizadas do que os homens, e são mais sensíveis que estes ao padrão de prestígio”; Wolfram e Fasold (1974, p. 93): “As mulheres mostram mais consciência das formas de prestígio, tanto na fala concreta, quanto em suas atitudes perante a fala”; Trudgill (1983, p. 161): “as mulheres, em conformidade com as outras variáveis tais como idade, escolaridade e classe social, produzem, no geral, mais formas linguísticas que são mais próximas daquelas da língua padrão, ou têm mais prestígio, do que os homens”; Labov (1990, p. 205): “Na estratificação sociolinguística estável, os homens usam as formas não-padrão em uma frequência maior do que a das mulheres”.

Todavia, é válido ressaltarmos que a literatura sociolinguística não conseguiu estabelecer o papel da variável sexo com clareza, especialmente quanto à mulher, como indicia Scherre (1988). Portanto, em nossos dados, não temos como corroborar essa ideia; seria necessário, nesse caso, um estudo com *corpus* maior e/ou *corpora* mais diversificados para podermos afirmar algo mais categórico em relação ao uso das construções *desse/deste modo*, *dessa/desta maneira* e *dessa/desta forma* e o gênero do(a) autor(a). Ainda assim, consideramos importante destacar tais informações ao nosso leitor.

Por fim, elegemos um outro excerto:

(4) Nesse último caso, as análises referentes à comparação do local do evento que ocasionou a lesão com aquele relatado na semana anterior à lesão levaram em consideração somente os pacientes que relataram ter bebido nesse último período. **Desse modo**, o local de consumo de álcool na semana anterior pôde ser comparado com o local onde os pacientes relataram estar bebendo antes da lesão. (M5M)

O autor desse trecho faz uso do *portanto* somente uma vez ao longo de toda sua tese (115 páginas). Concluímos disso que ele não está preso aos ditames da conclusão canônica e, por isso, deve lançar mão de outros recursos para encadear conclusivamente os pensamentos apresentados. Ele usa 2 vezes a construção *desse modo*, tal como em (4), em início de sentença, no interior de um parágrafo, com pausa marcada pela vírgula. Usa *dessa maneira* por 9 vezes no decorrer de seu texto, sendo 2 como início de sentença no interior de um parágrafo e 7 em início de parágrafo, como operador textual de conclusão. Em todas as ocorrências, há a presença da pausa marcada pela vírgula.

Independentemente da construção escolhida, nesta análise fica patente a abstratização sofrida pelas construções selecionadas, já que metaforicamente referenciadores anafóricos são recrutados como operadores conclusivos. Além disso, mobilizou-se uma construção já conhecida (formas velhas com novas funções), persistindo traços semânticos antigos, mas como nova função, referendando a gramaticalização de alguns anafóricos. Cabe destacarmos dois parâmetros propostos por Lehmann (2002) para medir o estágio de gramaticalização de uma construção: (i) a variabilidade paradigmática, pois é nesse critério que uma forma pode passar a competir com outra, tornando-se a preferida em um dado contexto e (ii) a variabilidade sintagmática, que é a tendência à ordem fixa dos constituintes, em alto grau de gramaticalização.

No caso dos dados analisados, verificou-se por um lado a variabilidade paradigmática, com usos equivalentes de *desse/deste modo* e *dessa/desta forma*, além do uso do *portanto* como operadores conclusivos. Por outro lado, em parte dos dados, há a preferência à posição inicial de parágrafo, marcando uma tendência à ordem fixa em que o operador conclusivo é topicalizado.

O contexto de uso estimulou a escolha de formas diferentes para a mesma função, uma vez que se preconiza que, em um texto escrito no padrão culto, não deve haver repetições. Ou seja, mobilizaram-se níveis cognitivo, pragmático, semântico e sintático para as mudanças realizadas.

### **Considerações finais**

Em nossa pesquisa, constatamos que não houve grande diversidade no uso de operadores argumentativos em relação ao grupo profissional. Tanto médicos quanto bacharéis em Direito fizeram uso de construções como *dessa forma*, *desse modo* e *dessa maneira* (ou suas variantes), sendo a única diferença entre esses grupos a frequência maior de uso de *portanto* pelos bacharéis em Direito (quase 40% a mais de ocorrências).

Também ficou patente que, na sincronia, várias formas de operadores conclusivos, todos advindos de referenciais anafóricos, coexistem e são produtivos na língua. Cabe a cada autor fazer sua escolha, o que pode ser exemplificado pelo texto de D12F, com 100 ocorrências de *portanto*, 4 de *dessa forma*, nenhuma ocorrência de *dessa maneira* ou de *desse modo*, ou pelo texto de M5M, com somente 1 ocorrência de *portanto*, nenhuma de *dessa forma*, 9 ocorrências de *dessa maneira* e 2 de *desse modo*.

Este estudo sinaliza, também, que os falantes podem usar partes de uma construção<sup>14</sup> com uma nova função gramatical, como é o caso do uso do dêitico nas construções analisadas. Em contrapartida, indicamos a ocorrência do uso de uma mesma construção com uma nova função gramatical, de referencial anafórico para operador conclusivo.

Já a avaliação dos usos e dos efeitos que eles trazem à língua não é possível de ser realizada com a metodologia e o *corpus* adotado nesta pesquisa. Ademais, vale lembrarmos que a frequência de determinadas construções em alguns usos particulares aumentou, o que pode

---

<sup>14</sup> Consideramos *desta/dessa forma*, *desse/deste modo* e *desta/dessa maneira* construções com valor conclusivo.

revelar um caminho de gramaticalização com um *corpus* que possibilite ampliar a frequência, por meio de uma coleta mais ampla.

Por fim, na nossa pesquisa, a forma preferida parece ser, pela média de uso, o *portanto* e não há ordem fixa nem coalescência de constituintes, mas a posição em início de parágrafo, bastante frequente no *corpus*, indica uma gramaticalização latente das construções analisadas.

## Referências

CAMPBELL, L.; JANDA, R. Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. *Language Sciences*, 23, 2001, p. 93-112.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. Gramaticalização e ensino. In: CASSEB-GALVÃO, V. C.; LIMA-HERNANDES, M. C. *et al* (orgs.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 157-195.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995.

DEFENDI, C. L. “*Portanto, conclui-se que*”: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>.

GONÇALVES, S. C. L. *et al* (org.) *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GONÇALVES, S. C. L.; CARVALHO, C. S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs.). *Introdução à gramaticalização – princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 67-90.

HEINE, B. *et al*. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, D. *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Company, 1991.

HOUAISS, A., VILLAR, M. S; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

KURYŁOWICZ, J. *The evolution of grammatical categories*. Munich: Kink, 1975[1965].

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LEHMANN, C. *Thoughts on grammaticalization*. (2. ed. revisada), 2002. Disponível em <http://www.db-thueringen.de/servlets/DerivateServlet-/Derivate-2058/ASSidUE09.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2016.

MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 24-40.

MEILLET, A. L'Evolution des formes grammaticales. In: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1912.

NOVO MANUAL DE REDAÇÃO – Folha de São Paulo. 1996. Disponível em [http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual\\_texto\\_e.htm](http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/manual_texto_e.htm). Acesso em 14/06/2016.

SCHERRE, M. M. P. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

Artigo recebido em: 31/03/2017.

Artigo aceito em: 28/06/2017.

Artigo publicado em: 20/07/2017.